

Conversa em tom de defesa

Sarney transformou o confronto verbal com Collor em tema também do programa "Conversa ao Pé do Rádio", veiculado ontem. Em pronunciamento que durou mais que o de costume, Sarney repetiu argumentos, explicações e juízos igualmente usados em suas aparições no programa do candidato do PRN, a quem acusou de "insultar o injuriar o presidente da República. (...) Sou vítima da violência, do vandalismo verbal, do terrorismo moral. O que não faria no poder quem não o respeita, simples candidato da República?".

Sarney afirmou que em nenhum momento interferiu no processo sucessório, que transcorre, segundo ele, em um clima de liberdade "que jamais houve na História do País". Negou que tenha candidato ou partido de preferência — "o meu candidato é a minha pátria" — e disse que só se manifestou no horário eleitoral gratuito para exercer o direito de resposta a Collor. "O tribunal, ao me dar o direito de resposta, considerou que as declarações desse candidato foram ofensivas à honra do requerente, podendo configurar difamação e calúnia. Assim, ele cometeu os crimes previstos nos artigos 324, 325 e 326 do Código Eleitoral, e fui obrigado a determinar o seu processo".

Acuados — Sarney encerrou a conversa radiofônica admitindo que, apesar do clima de liberdade política, "estamos acuados pelo processo inflacionário que resiste a todos os tratamentos que temos dado". E mencionou, como exemplo de "grandes vitórias no setor econômico (...) a taxa mais baixa de desemprego que já tivemos". Ele se referiu a essa "vitória" como sintoma de que "lares de brasileiros não viveram, durante meu Governo, a recessão, não passaram pela depressão do desemprego e não tiveram o sofrimento que nós assistimos nos anos de recessão que, sem dúvida, foram os mais duros para o povo brasileiro".